

O léxico dos garimpeiros da Chapada Diamantina na obra cascalho de Herberto Sales

Antônio Marcos de Almeida Ribeiro³¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir e analisar o léxico na obra *Cascalho* (2011) do escritor baiano Herberto Sales, identificando o processo criativo de sua inovação lexical no texto literário. Para o presente estudo estamos ancorados teórica e metodologicamente em Vilela (1995), Ribeiro (2020), Neves (2002), Melo (2011), Oliveira e Isquierdo (1998), Biderman (1998) dentre outros autores que abalizam a discussão sociolinguística. A constituição desse *corpus* aponta para evidências que comprovam peculiaridades de um falar regional/popular na literatura que trata do garimpo nas lavras diamantinas. O romance possui lexias que mostram a importância da relação entre língua e aspectos socioculturais na formação do português brasileiro. Nesse sentido, a discussão proposta contribui para um maior conhecimento das marcas do léxico na região em estudo.

Palavras-chave: Léxico. Inovações lexicais. *Cascalho*. Herberto Sales. Chapada Diamantina.

ABSTRACT

The present work aims to discuss and analyze the lexicon in the work *Cascalho* (2011) by the Bahian writer Herberto Sales, identifying the creative process of his lexical innovation in the literary text. For the present study, we are anchored theoretically and methodologically in Vilela (1995), Ribeiro (2020), Neves (2002), Melo (2011), Oliveira and Isquierdo (1998), Biderman (1998) among other authors that support the sociolinguistic discussion. The constitution of this *corpus* points to evidences that prove peculiarities of a regional/popular speech in the literature that deals with the mining in the Diamond fields. The novel has lexias that show the importance of the relationship between language and sociocultural aspects in the formation of Brazilian Portuguese. In this sense, the proposed discussion contributes to a greater knowledge of the lexicon brands in the region under study.

Keywords: Lexicon. Lexical innovations. *Cascalho*. Herberto Sales. Chapada Diamantina.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo discutir y analizar el léxico en el trabajo *Cascalho* (2011) del escritor bahiano Herberto Sales, identificando el proceso creativo de su innovación léxica en el texto literario. Para el presente estudio, estamos anclados teórica y metodológicamente en Vilela (1995), Ribeiro (2020), Neves (2002), Melo (2011), Oliveira e Isquierdo (1998), Biderman (1998) entre otros autores que apoyan la discusión sociolingüística. La constitución de este corpus apunta a evidencias que prueban las peculiaridades de un discurso regional/popular en la literatura que trata sobre la minería en los campos de diamantes. La novela tiene lexias que muestran la importancia de la relación entre el lenguaje y los aspectos socioculturales en la formación del portugués brasileño. En este sentido, la discusión propuesta contribuye a un mayor conocimiento de las marcas de léxico en la región en estudio.

Palabras-clave: Léxico. Innovaciones léxicas. *Cascalho*. Herberto Sales. Chapada Diamantina.

Introdução

³¹ Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Especialista em Estudos Linguísticos e Filológicos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XIII); Graduado em Pedagogia e História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XIII). Professor de História do ensino médio da rede pública da SEC-BA. E-mail: macribial@yahoo.com.br

Direcionamos nosso artigo para as variedades linguísticas da região da Chapada Diamantina, Bahia. Essas variedades linguísticas estão inseridas dentro do nosso *corpus* de estudo que é o romance *Cascalho* (SALES, 2011), do escritor baiano Herberto Sales. Sendo assim, queremos demonstrar que, na obra, há peculiaridades linguísticas observáveis por meio do vocabulário inserido no romance regional. A obra está delimitada com temporalidade e espacialidade a primeira metade do século XX, abrangendo em algumas partes o final do século XIX.

O léxico é considerado patrimônio vocabular reflexo dos diferentes momentos da trajetória de uma comunidade, que deixa transparecer seus valores, crenças, hábitos e costumes acondicionados em diversas etapas de sua história. Dessa maneira, funciona como uma recordação de realidades que mostram traços identitários de seus membros, indicando de que lugar e tempo estão inseridos. Com isso, o léxico é um objeto pesquisável que ocupa um lugar na Sociolinguística. O registro no romance dos falares da “civilização do garimpo” atesta para unidades léxicas que, não se dão em nenhuma outra parte da Bahia, e conseqüentemente do Brasil.

O romance e seus desdobramentos atentam para o fato que estamos estabelecendo um ponto de vista que observa a formação sócio histórica do lugar, a Chapada Diamantina-Ba e suas cidades diamantíferas; a geografia e o meio ambiente em que se insere essa sociedade; as relações entre autor e obra, contexto de produção; e por fim apresentaremos como exemplo algumas inovações lexicais que revelam aspectos de identidade e variedade linguística. Assim, explicitaremos formas de entendimento que nos darão uma visão, mesmo que de forma sucinta sobre o léxico regional/popular dessa região baiana.

Assim, o teor das discussões parte de uma abordagem vinculada a uma região geográfica e sócio histórica da língua por meio do léxico presente no romance em análise. As considerações que se seguem é uma forma de realizar o percurso teórico do artigo que propomos. Considerando que essa introdutória reflexão não se esgota apenas nesse momento, mas se afunila no decorrer da trajetória investigativa de nosso estudo lexical em outros momentos. Dessa forma, os aspectos que encabeçam essa discussão passam por refletir tendo as inovações lexicais de caráter regional inseridos na literatura garimpeira da linguagem na Chapada Diamantina na Bahia.

O país do garimpo e sua sócio-história

A Chapada Diamantina é uma vasta extensão de terras com características geográficas, sociais, econômicas, culturais e dialetais diferenciadas do restante do estado da Bahia. Como descreve Seabra (2017, p. 9) “[...] desponta como um conjunto de terras elevadas que parte do coração da Bahia até alcançar o norte de Minas Gerais. Na Bahia, a região montanhosa se estende por 41.994 km² [...]”, o equivalente, por sua extensão territorial, a muitos países da Europa. Por isso, Herberto Sales (2011) coloca essa região como o “país do garimpo” com cidades protegidas pelos relevos, cercadas por um complexo de serras de considerável altitude, chegando, em alguns lugares, a 1.700 metros acima do nível do mar nos pontos mais altos. Essas superfícies rochosas que formam a Chapada Diamantina são prolongamento da Serra do Espinhaço, considerada a única cordilheira do Brasil, formada por uma cadeia de montanhas, também conhecida como Cadeia do Espinhaço, que se estende pelo norte de Minas Gerais e adentra a Bahia. Pela sua biodiversidade e características peculiares em 1985 foi criado por meio do decreto Nº 91.655, de 17 de setembro de 1985 o Parque Nacional da Chapada Diamantina com vistas de ser um espaço de preservação e conservação ambiental priorizando diversas propostas de pesquisa científicas, de recreação e educação ambiental.

Essa região tradicionalmente esteve ligada à exploração de diamantes e os primórdios dessa atividade remontam como marco oficial de início do garimpo em 1844. Mas bem antes disso, com as viagens de Spix e Martius em 1817 a 1820 eles reconheciam que a região eram terras diamantíferas. Em 1841, registravam-se achados de diamantes por Francisco José da Rocha Medrado em sua propriedade as margens do rio Mucugê. Contudo, foi somente em 1844 que iniciou o ciclo do garimpo na Chapada Diamantina, a partir da notícia de descoberta de diamantes no rio Cumbuca e no rio Mucugê, atribuída nesse momento a José do Prado. Assim, iniciou-se a corrida pelo diamante afluindo para aquelas paragens uma onda migratória massiva de aventureiros. Abreu (1975, p.105) nos diz que:

As lavras da Bahia provocaram movimentos migratórios, não só deslocando garimpeiros de Minas, através do São Francisco, como, também, atraindo, em certa época, uma grande massa humana para o alto Paraguaçu e o Mucugê. Segundo um escritor da época, o vale do Mucugê “pela sua quantidade é talvez a mais rica descoberta diamantina no Brasil”.

Calcula-se em 30.000 pessoas a onda humana que nos anos de 1844 a 1848 se espalhou nas cercanias do Mucugê, elevando a população local a 50.000 almas. Foi um *rush*, em nada inferior aos da Califórnia e da Austrália, quando se espalharam ali as notícias da descoberta de ouro.

Dessa forma, a partir de 1845, várias cidades surgem com o advento do garimpo na Chapada e a sua prática, nos rios de águas escuras, era da mais rudimentar, por meio de várias espécies de serviços. A mineração vai marcando as migrações de pessoas oriundas de várias partes da Bahia, de outros Estados como Minas Gerais e São Paulo, além de garimpeiros, afluíam sertanejos, tropeiros, prostitutas, comerciantes e estrangeiros representantes de companhias ligadas a atividade garimpeira. Contribuindo para o aumento populacional na região com os acampamentos montados para a exploração nas terras diamantinas. Eram vários atores sociais, tendo o diamante como o centro de seus objetivos na Eldorado do sertão, no propósito de ascensão na sociedade.

Convém ressaltar que aquelas terras foram doadas às margens de seus dois principais rios Paraguaçu e Contas para posseiros. Assim, antes das descobertas dos diamantes e a explosão populacional, já existiam povoamentos no lugar com latifundiários criadores de gado, roceiros, remanescentes de quilombos e indígenas que estavam ali desde o século XVII, época colonial. Com seus poucos habitantes os vales dos rios foram ocupadas por pessoas ligadas ao cultivo do campo, criação de gado e extrativismo dos recursos naturais. Mas com o advento do garimpo em 1845 essa população aumentou drasticamente. O jornal da época denominado ‘O Guaycuru’ noticiou sobre essa região da província da Bahia na seguinte forma:

Há ja ahi hoje trez povoações notáveis, cheias de commercio, de commodidades e riquezas, que parecem surgir, como Herculano e Pompéia, das entranhas da terra. A maior dessas povoações he o grande arraial de Paraguassú , à margem do Rio desse nome: este arraial tem talvez uma população de 16 a 20 mil almas – he hoje o emporio do commercio do nosso sertão. A distancia de 15 on 16 legoas está o arraial de Lensóis, à margem do Rio do mesmo nome: he povoação menor - 5 a 6 mil habitantes - rica porem proporcionalmente em mineração e commercio. Segue-se o Andarahy, pequena povoação, menor que as duas outras, colocada no centro, e a igual distancia pouco mais ou menos de ambas.

He pois a população das lavras razoavelmente calculada na actualidade de trinta a quarenta mil almas: em geral he composta de negociantes, artistas, aventureiros, que de toda parte são atrahidos pela fama desse thesoiro de riquezas quase incríveis: há sobremodo numeroso o mulherio – ha porem já não pequeno numero de famílias ; há mesmo pessoas distintas por sua educação e suas qualidades acima do comum [...]. (O GUAYCURU, 1845, p. 3).

A zona diamantina ou lavras diamantinas possuía quatro cidades importantes que, juntas, formavam o chamado quadrilátero diamantífero que eram: Mucugê (Outrora Santa Isabel do Paraguaçu), Lençóis, Andaraí e Palmeiras (Outrora Vila Bela das Palmeiras) (SALES, 1955). Essas cidades foram povoadas por massas migratórias de toda parte do Brasil na busca da riqueza fácil. As condições adversas no que diz respeito, a alimentação e condições de trabalho

favoreciam a laços de solidariedade entre os grupos marginalizados criando assim traços culturais próprios dessa gente do garimpo. A sociedade possuía uma formação cultural e linguística com as marcas da extração mineral. Abreu (1975, p. 105), que era geólogo dedicado à mineralogia, percebia bem essa faceta linguística da região quando disse: “Usa-se, nas lavras de diamantes, uma nomenclatura especial, introduzida pelos trabalhadores dos séculos passados, e ainda tradicionalmente conservada”. Assim, já era percebida, há muito tempo, uma linguagem corriqueira própria entre os falantes daquela região. A dimensão histórica e cultural é fundamental nesse processo. Assim, as autoras Oliveira e Isquierdo (1998, p. 6) conseguem, de forma bem elucidativa, demonstrar as dimensões do léxico e a sua vasta gama de sentidos:

[O léxico] representa a janela através do qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita ligação com a história cultural da comunidade.

Biderman (1998, p. 88) complementa assim: “[...] É a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem”. Dessa forma, o ser humano adquire conhecimento por meio de processos mentais por categorização de organização cognitiva, ou seja, por meio das palavras mentalizadas. O léxico, no entendimento de Biderman (1998, p. 90), “[...] é conceptualizado como um conjunto de representações, isto é, de objetos mentais que se consubstanciam nas palavras que esse indivíduo domina e das quais ele se serve”, sendo, portanto, a forma de registrar o universo em que vive uma sociedade (RIBEIRO, 2020).

A comunidade garimpeira estava bem estabelecida e a indústria diamantífera era considerada uma atividade de grande relevância internacional. Lençóis ficou conhecida como a capital dos diamantes e umas das mais importantes cidades da Bahia, além disso, produtora mundial naquele momento. Com isso, muito se discutia sobre reforma urbana e remodelação das cidades pelo fluxo de riquezas e comércio ali exercidos na Chapada Diamantina, cogitavase na época uma suposta mudança da capital, não só da província, mas do Brasil para a região das lavras diamantinas. Isso se dava em um movimento de remodelação urbanística discutida em várias capitais de províncias, que em alguns casos deram certo como Goiás e Minas Gerais, contudo:

[...] Outros projetos semelhantes não se concretizaram, como o de mudança da capital da Bahia para o alto Paraguaçu, proximidades da serra do Sincorá,

conforme estudo encomendado pelo governador Joaquim Manoel Rodrigues Lima, em 1894, a uma comissão chefiada pelo engenheiro João Carlos Greenhalgh. (NEVES, 2002, p. 14).

O local pretendido seria no distrito de Cascavel, hoje pertencente à Ibicoara-Ba. O lugar era promissor devido ao terreno ser bem nivelado, mas após avaliação técnica dos engenheiros responsáveis não foi aprovado pelo fato de a quantidade de água não ser suficiente para abastecer uma capital. Seja como for, o projeto foi inviabilizado. Outro fato interessante ligado à época foi a cogitação de Lençóis sediar um vice-consulado francês, todavia nunca se constatou por documento a comprovação desse fato. Contudo, existiam comerciantes franceses na região exercendo uma forte influência Europeia as famílias abastadas que cultivavam hábitos e procuravam imitar um estilo de vida do Velho Mundo. Várias palavras de influência francesa e alemã estavam presentes no cotidiano daquela sociedade, a exemplo que aparecem em *Cascalho* (SALES, 2011) algumas aportuguesadas pelos moradores locais: *décor* (SALES, p. 274), *manulicha* (SALES, p. 50), *comblain* (SALES, p. 148), *fuzil mauser* (SALES, p. 86), *parabélum* (SALES, p. 53). São formações lexicais marcadamente mostrando que os estrangeirismos advindos da Europa estavam presentes na região do garimpo.

A partir de 1870, houve um declínio na venda de diamantes, por conta das descobertas na África do Sul (1866) tornando-se forte concorrente do Brasil com preços mais acessíveis no mercado internacional. A rotina de exploração dos diamantes e carbonatos (também chamado de diamante negro) prosseguia abastecendo a revolução industrial. A Chapada Diamantina era a única no mundo que explorava o carbonato/carbonado servindo a indústria mundial na fabricação de brocas que ajudaram a abrir o canal do Panamá em 1880. Naquele momento o carbonato ajudava a equilibrar a economia local enquanto os preços dos diamantes estavam em baixa na primeira fase de decadência do garimpo.

Já no início do século XX, especificamente 1920 (segunda fase da decadência mineira), os preços caíam novamente e considerava-se que as jazidas já estavam se exaurindo. Contudo, uma série de acontecimentos enfraquecia o garimpo ligando diversos fatores: faltava estímulo político, o coronelismo estava em declínio, às condições para uma exploração mais racional não foram incentivados, pois, ainda existiam depósitos nas profundezas do subsolo para serem explorados. E dessa forma, a Chapada Diamantina foi entrando num período de decréscimo populacional diferentemente do início do garimpo com um êxodo acentuado. Moraes (1963, p. 210 e 211) nos informa que:

Para que se tenha uma ideia exata dessa fuga, basta o fato de que, daquelas trinta mil criaturas que se comprimiam em meados do século XIX, às margens do rio Lençóis, transformando, logo mais, o sítio, numa das mais civilizadas cidades sertanejas restam, apenas segundo estatísticas recentíssimas, 2.483 pessoas. Se tomarmos, pois, como números índices, aquelas trinta mil criaturas, e calcularmos, à base da taxa geométrica de crescimento anual que se observa no País (21,6 por 1.000 habitantes), a fabulosa capital do diamante devia ter, nos nossos dias, aproximadamente cem mil almas. Outras cidades, como Andaraí, onde a densidade demográfica, à mesma época, era de cerca de vinte cinco mil pessoas, está reduzida a 2.510, apenas. Finalmente, como último exemplo, temos a cidade de Mucujê, antiga sede da freguesia de Santa Isabel do Paraguaçu que, ainda no mesmo período, tinha uma população calculada de vinte mil pessoas, estando reduzida agora a 723 habitantes de todas as idades. Assim, pois, de todas as zonas fisiográficas baianas, a única acentuadamente deficitária é a Chapada Diamantina, no que concerne aos seus índices populacionais.

A partir de 1940, entra uma nova fase de decadência com o custo da produção aumentando e a produtividade decaindo pela, novamente, baixa do preço no mercado internacional. Dessa vez, as lavras diamantinas nunca mais seria a mesma. No entanto, a sociedade e sua formação linguística e cultural ficaram estabelecidas com base no garimpo. Os habitantes do lugar projetaram seu léxico consoante à experiência dos lavristas em relação ao espaço e tempo alijado aos aspectos sócios históricos e geográficos. Gonçalves (1984, p. 111) falando da linguagem de Lençóis, que também abarca toda zona diamantífera, diz em como as migrações trouxeram consigo deixando um vocabulário e maneiras de falar peculiares na Chapada Diamantina:

[...] foi povoada por gente que veio de Minas Gerais, especialmente de Diamantina, somando-se depois os baianos vindos do Recôncavo. Os primeiros trouxeram a linguagem simples e característica dos paulistas, que domina na região de Minas Gerais, o dialeto caipira. Os segundos trouxeram sua contribuição, especialmente no sotaque e no vocabulário. No final, chega-se a um falar com ritmo próprio, rápido, frases curtas, bem marcadas, com razoável variedade de inflexões.

Assim, o vocabulário da Chapada Diamantina é um elemento marcante nas comunidades e diz muito a respeito da herança dos garimpeiros, seus costumes, seus valores, sua visão de mundo, a paisagem do lugar etc. Existe nessa região da Bahia um perfil sociocultural a partir dessa construção sócio histórico e vocabular. A linguagem com seu léxico remonta antigas atividades garimpeiras em todo tecido social. Com isso, se configura singularidades linguísticas identitárias representativas de uma comunidade reunindo informações importantes para as pesquisas linguísticas.

Desvendando a obra *Cascalho*

A constituição desse *corpus* é o romance *Cascalho*, do escritor baiano Herberto Sales (1917-1999), que foi produzido em um contexto bastante interessante. Escrito inicialmente para um concurso de romances em 1942, encabeça um conjunto de obras que, juntamente com as de Jorge Amado, José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Guimarães Rosa etc., perfazem livros de características regionalistas que apresentam um Brasil até então desconhecido em termos editoriais. Esses livros escritos pós Semana de Arte Moderna, principiam o que se chamou de romance ‘autenticamente nacional’. Isso porque, esses escritores trataram de desvendar o mundo rural brasileiro, delineando um retrato das realidades interioranas.

Com isso, os escritores apresentavam as raízes socioculturais dos lugares mais distantes dos grandes centros urbanos desvendando a linguagem do interior na boca de seus personagens. Dessa forma, o vocabulário nesse tipo de literatura descortinava falares rurais fidedignos transportados para o universo literário. Assim, nesse gênero de romance:

[...] a frase torna-se mais despojada, a linguagem se aproxima da língua falada, e a colocação dos pronomes demonstra que esta distância em relação às normas portuguesas visa a afirmar os usos correntes no Brasil. A variação de vocabulário é tão nítida, que o romance pioneiro foi publicado com um glossário [...]. (GARCIA JR. 2011, p. 24).

A materialização de fatos sociais era colocada na literatura com enunciados em consideração aos aspectos da vida no interior do país. E mais, a literatura regionalista contribuía no sentido de apresentar as problemáticas do mundo rural a uma parcela da população que, mesmo morando nos centros urbanos, ainda conhecia suas raízes do interior, por isso houve uma aderência e popularidade desses romances. Decerto que os recémchegados à cidade eram oriundos dos lugares temáticos que os romances apresentavam. Com tudo isso, a marca bem visível dessas obras, consideradas inovadoras até então, não só pelo debate que proporcionava sobre questões sociais denunciadas em suas páginas, eram as formações lexicais abundantes no texto regionalista. Milliet (2011, p. 14) já apontava para a riqueza vocabular da obra *Cascalho* (SALES, 2011) ao dizer que:

Há em *Cascalho*, além do valor literário, uma importante contribuição ao estudo do vocabulário e da sintaxe de toda uma região. Do ponto de vista do estilo e da língua será talvez, esse, o melhor e mais sedutor aspecto do romance. Acontece ainda que, ao contrário do que fizeram numerosos

regionalistas, não se trata, no caso, de uma anotação erudita e morta, e sim de uma penetração viva e aguda, de uma comunhão real do autor com o meio descrito. Seus garimpeiros falam e agem sem nenhum esforço dentro do desenvolvimento do tema. Não se sente a presença de um observador, de caderninho em mão a registrar palavras exóticas ou metáforas curiosas, para com a matéria-prima colhida, contar histórias falsas, artificiais em sua trama e na psicologia dos protagonistas.

O acervo linguístico catalogado no romance configura-se em um *corpus* textual amplo e representativo de uma comunidade, objetivando o uso desses dados para análise segundo critérios da Linguística. Sendo assim, nos estudos linguísticos, a descrição e/ou análise está voltada também para os interesses socioculturais relacionados à língua. O romance *Cascalho* (SALES, 2011) está em sua terceira edição. Cabe informar que a primeira edição foi lançada em 1944 e a segunda em 1951, em que o autor reescreve fazendo algumas alterações de cunho estilístico. E, em 1956, lança uma terceira e definitiva edição sendo esta que as editoras publicam até hoje.

Herberto Sales, nascido em Andaraí, Bahia, era um observador atento da vida social, e descortina com riqueza de detalhes o cotidiano de uma cidade diamantífera. Por meio de pequenos enredos, informa sobre as relações de trabalho, as relações sociais, as atividades urbanas e rurais, as atividades da feira, a fauna e a flora peculiares etc., que versam sobre as várias problematizações que giram em torno do garimpo de diamantes. Tudo isso revelando o *modus vivendi* daquela comunidade, apontada pelo autor e que é fruto de várias e sucessivas temporalidades. Tudo e todos vivendo em torno das lavras diamantíferas, que regia muitas vidas humanas de várias gerações. A obra é narrada a partir de uma estética impecável sobre as relações ideológicas, políticas e culturais, e sobre a reconstrução que transcende ao tempo real. Diante disso, Augusto (2007, p. 53) considera *Cascalho* (SALES, 2011) como um romance documental, pois, segundo ele:

A narrativa de Herberto Sales em *Cascalho* vai às origens da civilização do garimpo para buscar ali as explicações relacionadas ao lugar ocupado pelos personagens. Estas idas e vindas da narrativa à fonte da história passam pela descrição sociogeográfica da região do garimpo, passam pela interação da história local com os acontecimentos do país. Através desta historicidade da obra, o autor vai montando uma biografia da civilização do garimpo através do texto literário.

Por meio do romance, Herberto Sales também nos proporciona um contato com palavras e construções linguísticas típicas da linguagem regional/popular, dentro do microcosmo da região diamantífera, elencando um rico acervo linguístico, fundamental para a catalogação e estudo linguístico. Sendo significativa por seu vocabulário, a obra *Cascalho* (2011) chegou ao

público exatamente por essa peculiaridade. O rebuscamento das palavras, o léxico regional/popular peculiar e a beleza da linguagem evidente nas falas dos personagens dentro da narrativa. Fizeram exatamente ser tão marcante. O vocabulário foi quem salvou *Cascalho* (SALES, 2011) das labaredas do esquecimento e se transformou em um clássico atemporal.

Mas, o que falavam o povo do garimpo?

Na obra *Cascalho* (SALES, 2011) existe um repertório lexical com aproximadamente um grande quantitativo de lexias apresentadas em forma de glossário segundo a pesquisa de Ribeiro (2020). As palavras no romance transmitem uma série de elementos emotivos, físicos, constante para descrever sua realidade. A literatura tem bases de um sentimento regional/popular, Sales (2011) descortinou a ‘alma vocabular garimpeira’ revelando uma identidade linguística peculiar àquela região. O que de fato, revela um português de base regional/popular demonstrando nas inovações lexicais registradas no romance. Aqui por uma questão de espaço delimitamos apenas algumas lexias extraídas do romance herbertiano. Vejamos a enumeração de algumas dessas inovações oriundas da região do garimpo:

AJOGO – s. m. Encosta de cascalho.

Contexto: “Todavia, para não falar no Poço da Donana e de outros poços ricos que desafiavam, pela sua profundidade, os rudimentares processos de mineração ali empregados, restavam prodígios **ajogos** como o do Cabelo da Roda, onde eram encontrados os diamantes matemáticos do cascalho balinha” (SALES, 2011, p. 17).

BALA – s. f. É uma variedade cristalina ou semicristalina do diamante, de forma esférica e estrutura radiada, não utilizável como pedra preciosa por sua forma, estrutura, dimensões ou cor.

Contexto: “A **bala**, que é o nosso melhor diamante industrial, não está valendo nada” (SALES, 2011, p. 295).

BATIXÓ – s. f. Pequeno lagarto insetívoro.

Contexto: “— Isto aqui está muito trabalhado, Peba — observou Silvério. À passagem deles, fugiam precipitadamente grandes **batixós**, sobre os lajedos ou por entre as moitas de grão-degalo” (SALES, 2011, p. 99).

CANGA – s. f. Golpe dado com as pernas dentro d’água em um adversário a fim de atingi-lo. Brincadeira feita nos rios e lagoas.

Contexto: “— Olha a **canga!** O grito veio de um poço onde alguns garimpeiros tornavam banho. Com a tarde em declínio, emanava das rochas como que um cálido bafo que se desfazia no ar, e o vento mal agitava as folhas secas dos arbustos tombadas no fundo dos canais” (SALES, 2011, p. 213).

CURA-FACADA – s. f. Planta medicinal nativa da Chapada Diamantina-Ba.

Contexto: “— Minha impressão é que Zé de Peixoto, apesar de estar protegido por dr. Marcolino, continua com a vida em perigo. Filó banhava em silêncio o talho que dera no pé. Para isso, fizera um cozimento com alguns pés de **cura-facada**” (SALES, 2011, p. 114).

JOAQUIM-MADRUGADA – exp. pop. Pênis.

Contexto: “— Já na roça, vocês pegam eu sei em que é... Alguns garimpeiros compreenderam logo o duplo sentido da frase e começaram a rir. Mas Filó, não se satisfazendo com o efeito da pilhéria, recorreu a uma expressão de gíria: — Lá vocês pegam é em **joaquim-madrugada**... Então não houve ninguém que não risse. Foi uma gargalhada geral” (SALES, 2011, p. 75).

Essas lexias estão fundadas na tradição oral, sendo uma expressividade advinda do entrecruzamento da língua, da cultura, e da sociedade associadas à tradição do garimpo. Ou seja, esses neologismos atendem a uma necessidade prática da comunidade ante o contexto sociocultural. O autor de *Cascalho* (SALES, 2011) se apropriou dos falares regional/popular e inseriu em sua obra como inovação lexical. No leitor causa uma sensação de estranhamento pela quantidade de lexias desconhecidas dando um tom de particularidade linguística. Na inovação lexical introduzida pelo autor as lexias, algumas já existentes, sofrem perda do valor semântico fazendo surgir novas palavras com outro sentido de acordo o contexto de uso, no caso, aos vários nomes dados aos diamantes (bala, mosquito, olho-de-arara etc.). Essas criações lexicais estão presentes na literatura de forma constante oriundas da ‘boca do povo’ do garimpo. Algumas unidades lexicais não se encontram nos dicionários atuais como o Houaiss (2009) e nem em dicionários antigos como o de Figueredo (1913) consultados para o presente artigo. Vejamos outros exemplos de inovação lexical utilizado pelo autor de *Cascalho* (SALES, 2011) agora em forma de quadro:

Construções neológicas do romance *Cascalho* (SALES, 2011)

Neologismos	Localização na obra
-------------	---------------------

Arrozinho	p. 42
Balinha	p. 42
Batata da serra	p. 86
Bosta de cabra	p. 101
Bosta de barata	p. 42
Bugalhau	p. 42
Cabeça de formiga	p. 101
Cocá	p. 42
Colhuda	p. 210
Descalqueado	p. 97
Desaperta-puta	p. 107
Feijão azul-oleoso	p. 42
Fubuca	p. 241
Jeriza	p. 107
Negro nu	p. 102
Olho-de-arara	p. 43
Ovão	p. 34
Patizeiro	p. 89
Pé de tabaqueira	p. 218
Perder-se	p. 85
Quimbas	p. 46
Saco	p. 35
Soslaio	p. 290

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Lexias não dicionarizadas ou que possuem sentido diferente do comumente conhecido são formações neológicas que segundo Alves (1990, p. 80):

Não basta a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É, na verdade, a comunidade linguística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não-difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma. Por isso não podemos, a priori, identificar as criações léxicas que chegarão a anexar-se ao código de uma língua, pois fatores extralinguísticos, como tendências políticas, econômicas, culturais... interferem frequentemente e ajudam a determinar a possibilidade de integração de unidades léxicas. Se bastante frequente, o neologismo é inserido em obras lexicográficas e considerado parte integrante do sistema linguístico. Sabemos, no entanto, que os lexicógrafos agem muitas vezes arbitrariamente, ou seja, unidades léxicas muito usadas são esquecidas e outras, pouco difundidas, chegam a fazer parte dos dicionários.

A frequência de inovações lexicais é um fenômeno constante na obra *Cascalho* (SALES, 2011) e o garimpo influenciou diretamente nessa criatividade lexical. A produtividade flui de forma intensa no texto herbertiano em um demonstrativo de que a língua não é homogênea como se pensavam na época. Encontramos nessas construções além de neologismos: arcaísmos, fraseologismos, estrangeirismos que estão exclusivamente no terreno da oralidade comprovando que as criações de Herberto Sales advêm de um vocabulário real vívido das lavras diamantinas; registros orais recolhidos a partir do falar regional/popular que visa mostrar o léxico particularizado da comunidade local demonstrando o falar ‘diamantino’. Vilela (1995, p. 13) define o léxico como:

[...] o conjunto das palavras fundamentais, das palavras ideais duma língua; o vocabulário é o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo, tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística; - o léxico é o geral, o social e o essencial; o vocabulário é o particular, o individual e o acessório.

Sendo assim, o isolamento histórico, a cultura, as condições diatópicas justificam o aparecimento de unidades lexicais autenticamente ‘chapadeiro’ porque são tipicamente utilizadas nas lavras diamantinas regionalizando de forma léxico-semântica a língua portuguesa na região. Essas unidades léxicas estão presentes no cotidiano da sociedade garimpeira o que pressupõe uma constante recriação de palavras adaptando-as ao seu contexto sociocultural. Nesse caso, a variável, grupo social é o provocador de inovação lexical. Por meio de fatores sociais compreendem-se as características de uma comunidade com os fatores diatópicos também relacionados a essas inovações.

O contexto sócio histórico nos leva a compreender melhor o lugar em que a língua está inserida, por isso, na Chapada Diamantina pós-garimpo com a inserção do eco turismo, em alguns lugares, existem glossários, sejam em livros ou pôster fixado, identificando o léxico local (fauna, flora, culinária, toponímia etc.) principalmente com termos ligados ao antigo garimpo que vem comprovar a inovação lexical da região que permanece. O escritor concede à língua portuguesa revelar expressões que desvenda o modo de pensar, e a diversidade cultural. Assim, o romance contém saberes metalinguísticos que valorizam a oralidade de seu lugar. Em suma, a língua se adaptou a um contexto comunicativo naquele tempo e espaço.

A escrita de romances antes da Semana de Arte Moderna possuía a tendência de valorizar a erudição, o de se aproximar o máximo da norma culta. Isso porque existia um conceito de que a linguagem popular era inferior e que a norma era o padrão. Então, nos romances escritos anteriormente era comum encontrar na boca de personagens subalternos uma

linguagem que não correspondia de fato à fala popular. Era uma artificialidade criada pelos autores, que não concordavam em colocar em seus romances uma “língua deturpada”. Diferentemente Pós Semana de Arte Moderna os escritores ditos regionalistas passaram a observar as línguas em toda sua riqueza cultural e transpor essa linguagem para seus romances. Os modernistas passaram a valorizar a fala popular em detrimento da norma culta. Assim, o português utilizado por Herberto Sales nos permite fazer inferências relativas à cultura local. Ele selecionou lexias para melhor representar a cultura e sociedade local com expressões que só possuía naquele momento difusão no local.

A voz do povo do garimpo

A obra *Cascalho* (SALES, 2011) insere-se nesse processo de inovação lexical, como ressaltamos a todo tempo, na medida em que Herberto Sales se propôs a escrever utilizando a linguagem regional/popular não procurando fidelidade à norma padrão, mas demarcando uma linguagem mais próxima a norma popular. Sobressaindo construções lexicais e discursivas que não abona a norma culta como parâmetro. Outro dado importante é que Herberto Sales estabelece diferenciações nas falas de seus personagens. A posição social deles varia no momento em dialogam. Quanto maior a posição social do personagem (coronel, promotor, médico etc.) mais se aproxima da norma padrão. Enquanto nas classes populares, a linguagem torna-se mais distante da considerada culta. As inovações lexicais ocorrem mais na boca das classes subalternas comprovando que os estratos sociais são bem marcados por meio da linguagem. Vejamos um excerto do diálogo entre os garimpeiros, que demonstram naturalidade e fluidez em suas falas, de cunho regional/popular:

Em outro grupo, com a sua grande masca de fumo no canto da boca, Benedito Lasqueado contava:

- Nosso serviço estava de pé. Fizemos um corte de caixão, e socamos terra preta até ficar que nem cimento. Recuamos a água toda, que devia ter uns três batidos, depois esquadreamos a cata, desmontamos, e metemos a broca no emburrado. Demos uns seis a oito tiros. Depois retiramos os estilhaços de pedras, e ferimos o cascalho pra conhecer a qualidade.

- A informação era bosta de barata? – perguntou Joaquim Boca-de-Virgem.

- Qual é bosta de barata, seu !

- Estou perguntando é porque bosta de barata é informação de arrozinho – explicou o garimpeiro. – E arrozinho aqui no Paraguaçu, você bem sabe, não dá nem a poder de reza.

- Quem encontrar cascalho arrozinho no Paraguaçu pode dizer “Até logo!”, porque senão morre de fome – aparteu outro homem.

Benedito Lasqueado retomou a conversa:

- Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! A informação que eu encontrei foi cocá, feijão azul-oleoso, bugalhou pequeno e redondo, foi favinha, rapaz! Feri foi cascalho balinha legítimo, cor-de-rosa queimado, de polmo cor de ouro. Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! Repetiu, com ar gabola.
- Então você entrou foi no come calado, hem, seu mano? – aparteu um garimpeiro doca, que era sobrinho de Bertulino Mentira-Fresca, de Lençóis. (SALES, 2011, p. 42).

Dessa forma, a linguagem do garimpo configura-se como um dos recursos herbertiano para construir uma narrativa diferenciada encharcada de inovações lexicais extremamente “desconhecidas” pela maioria dos leitores tornando o texto por vezes incompreensível pelo tom coloquial contido no discurso. Esses garimpeiros levavam as suas vidas em um português bem diferente da norma padrão comprovando que existiu e existe um falar ‘diamantino’. O próprio Herberto Sales falou de Filó Finança, um de seus personagens, que existiu na vida real:

[...] foi, como se costuma dizer, a “crônica viva” da região das Lavras Diamantinas, cuja história conhecia melhor do que ninguém. Dono de um linguajar todo pessoal e cheio de pitoresco, introduziu muitas expressões hoje correntes na gíria dos garimpeiros (SALES, 1955, p. 48-49).

Herberto Sales enveredou com sua obra inaugural, dando atenção ao léxico do garimpo aproximando-se de sua comunidade explorando o tesouro vocabular de sua região. Apropria-se da oralidade de pessoas reais transportando para o seu romance singularidades linguísticas que culminou em uma obra de êxito e referencial para muitos estudos.

Considerações finais

O vocabulário de *Cascalho* (SALES, 2011) com suas inovações lexicais na ‘boca do povo’. Sales (2011) retirou da boca dos próprios garimpeiros, criadores originais de seu dialeto as lexias constituintes de seu romance. Assim, o léxico é portador de história e é na oralidade que mais carrega os traços de identidade, nela reside a tradição diferenciando de outros lugares. Herberto Sales pensava uma identidade nacional a partir do interior, da tradição oral. O seu vocabulário do garimpo possui a função de particularizar o romance criando uma sensação de estranhamento o que força o leitor a ser mais atento quanto à interpretação. A história da ocupação da Chapada Diamantina também é a história da língua naquela região.

As palavras impressas estavam impregnadas com as marcas dos garimpeiros com uma particular e genuína construção lexical nascida das entranhas da comunidade lavrista. E no romance a linguagem foi transportada de fora para dentro. A literatura herbertiana não procurava o rebuscamento, a erudição que outrora era marca dos autores românticos. Sales

(2011) incorporou a fala dos garimpeiros como um componente revelador de uma identidade sertaneja de um Brasil longínquo, interiorano. Estão ali estabelecidos elementos socioculturais linguísticos da fala popular no sentido de conduzir o leitor a conhecer uma linguagem que também faz parte da língua portuguesa no Brasil. Assim, esse traço marcante da obra torna-se um depositário de inovações lexicais. A linguagem dos garimpeiros que por muito tempo foi estereotipada, agora é o léxico emergido de ‘baixo’, dos menos favorecidos, das classes populares. É a boca do garimpeiro que fala em *Cascalho* (SALES, 2011) desvendando a Chapada Diamantina.

Referências

- ABREU, Sílvio Fróes. **A riqueza mineral do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo : 1990.
- AUGUSTO, Everaldo. **Literatura e documento: histórias e mitos na primeira narrativa de Herberto Sales**. São Paulo: Alfa e Ômega, 2007.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998.
- FIGUEREDO, Cândido. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Liv. Clássica Editora, 1913.
- GARCIA JR, Afrânio. Meninos de engenho: tradições e dramas familiares feitos símbolos da brasilidade. **Antropolítica**, Niterói, n. 30, p. 21-47. 1 sem 2011.
- GONÇALVES, Maria Salete Petroni de Castro. **Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA**. São Paulo: Escola de Folclore, 1984.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 3.0 [CD-ROM]. 2009. 1 CD. MILLET, Sérgio. Nota à 3ª edição. In: SALES, Herberto. **Cascalho**. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 13-14.
- MORAES, Walfrido. **Jagunços e Heróis: a civilização dos diamantes nas lavras da Bahia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. **História regional e local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade**. Feira de Santana: UEFS/ Salvador: Acácia, 2002.
- O GUAYCURU, Bahia: Anno 3. Segunda feira 29 de setembro de 1845. Numero 128. p. 3.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. **Diamantes lexicais**: garimpando o vocabulário do romance *Cascalho* de Herberto Sales. 2020. 200f. (Dissertação) – Mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020.

SALES, Herberto. **Cascalho**. São Paulo: É Realizações, 2011.

SALES, Herberto. **Garimpos da Bahia**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/SIP: 1955.

SEABRA, Giovanne. **Chapada Diamantina**: o falso brilhante. Ituiutaba: Barlavento, 2017.

VILELA, Mário. **Ensino da língua portuguesa**: Léxico, dicionário, gramática. Coimbra: Almedina, 1995.